

# ESTUDO SOBRE FORÇAS EDUCATIVAS EUGÊNICAS NO BRASIL, NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX<sup>1</sup>

## STUDY ABOUT EUGENIC EDUCATIONAL FORCES IN BRAZIL, DURING THE FIRST DECADAS OF THE XX CENTURY

Lilian Denise Mai\*  
Maria Lucia Boarini#

---

### RESUMO

O trabalho procura resgatar alguns princípios do movimento eugenista e investigar a forma como foi proposta a educação eugênica no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, mediante a análise histórica das categorias classe social, família e educação eugênica, discutidas em 36 edições do periódico Boletim de Eugenia (1929-1931). Conclui que os médicos eugenistas propunham muitas medidas para combater os problemas sociais da época, advindos da industrialização e urbanização, os quais eram explicados mediante as diferenças naturais de cada indivíduo, determinadas via hereditariedade. Focalizando o fenômeno biológico, negavam as contradições sociais e justificavam as diferenças de classe, propondo o recurso eugênico (multiplicação das famílias eugênicas e restrição das não eugênicas) como alternativa possível para alcançar o progresso nacional. Igualmente, configuraram-se forças educativas eugênicas importantes no período; porém, dada a ênfase em um paradigma biológico, os eugenistas apontavam para os limites de qualquer função transformadora da sociedade através da educação.

**Palavras-chave:** Eugenia, Classe social, Família, Educação.

---

### INTRODUÇÃO

Esta pesquisa vincula-se ao Mestrado em Fundamentos da Educação, que procura reunir pesquisadores interessados na reconstrução histórica do objeto educação. Nosso interesse, em particular neste trabalho, concentrou-se sobre um determinado tipo de educação: a “educação eugênica”. Os objetivos a que nos propomos foram identificar alguns princípios teóricos norteadores do movimento eugenista no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, e investigar a forma como foi proposta a educação eugênica no período.

Na tentativa de conhecer o pensamento eugenista através dele mesmo, elegemos como principal fonte primária de pesquisa o “Boletim

de Eugenia” (1929-1942). Como recorte necessário, restringimo-nos a 36 edições do periódico, correspondentes ao período de janeiro de 1929 a dezembro de 1931. Após uma leitura de reconhecimento, num primeiro momento, percebemos que os diferentes assuntos tratados giravam em torno de algumas questões centrais para os eugenistas. Em uma tentativa de definir tais questões, circunscrevemos nosso estudo à análise das categorias ‘classe social’, ‘família’ e ‘educação’. O texto final divide-se em quatro capítulos, a saber: aspectos metodológicos e caracterização do Boletim de Eugenia; considerações históricas da eugenia na Europa e no Brasil; categorias ‘classe social’ e ‘família’ sob a perspectiva

---

<sup>1</sup> Extraído da Dissertação intitulada “*Boletim de Eugenia (1929-1931): um estudo sobre forças educativas no Brasil*”, apresentada ao curso de Mestrado em Fundamentos da Educação, da Universidade Estadual de Maringá, em julho de 1999.

\* Enfermeira. Mestre em Educação, doutoranda em Enfermagem pela EERP/USP. Professora-Assistente do Departamento de Enfermagem, da Universidade Estadual de Maringá desde 1993.

# Professora-Adjunta do Departamento de Psicologia, da Universidade Estadual de Maringá (orientadora).

eugenista e uma discussão sobre a ‘educação eugênica’.

Especificamente quanto ao Boletim de Eugenia, trata-se de um periódico elaborado por iniciativa individual do médico eugenista Renato Kehl, impresso no Rio de Janeiro, com uma tiragem mensal de 1000 exemplares. Seu objetivo era divulgar a eugenia entre a comunidade científica, médicos, intelectuais, políticos, advogados e professores. Divulgava eventos e concursos de eugenia, relatava congressos, anunciava bibliografias e apresentava diversas pesquisas e reflexões sobre os problemas da época e questões de interesse.

Apesar de não ter sido o único a tratar sobre o assunto, representou um importante elemento de expressão do movimento eugenista no Brasil. Certos limites são perceptíveis, como o fato de apresentar um público restrito, o que necessariamente não contrariava os seus objetivos; ou de contar com o esforço de poucas pessoas interessadas em sua manutenção e distribuição. Por outro lado, trata-se de uma produção de época, que expressava idéias, sentimentos e comportamentos presentes na construção de uma sociedade e que, por sua vez, participava nessa construção. Através do intercâmbio internacional, refletia questões e preocupações que a humanidade via colocadas diante de si ao longo do seu desenvolvimento.

#### REFLEXÕES SOBRE O MOVIMENTO EUGENISTA

Pode-se definir a eugenia como sendo o estudo e a doutrina do aprimoramento biológico de uma população através da reprodução controlada, ou fomentando a expansão de alelos normais (eugenia positiva), e/ou evitando a propagação de alelos com defeitos (eugenia negativa), em uma tentativa de ‘purificação da raça’. Este movimento em prol da eugenia não se limitou ao Brasil, pelo contrário, refletia um movimento mais amplo, de caráter mundial. Existiam várias associações e institutos eugênicos em mais de 28 diferentes países naquele período, preocupados em discutir a constituição e a formação do povo de suas respectivas nações.

O desenvolvimento da eugenia ocorreu ao longo do século XIX, à medida que as

transformações sociais, especialmente européias, tornavam possível o estudo científico da sociedade humana, tanto no campo das ciências biológicas, quanto das sociais. Tais conhecimentos sobre a hereditariedade, que não se deram por acaso ou por genialidade de alguns homens, acompanhavam o crescimento e desenvolvimento das ciências naturais, como a genética, biologia e outras áreas. A origem e evolução do homem era uma questão que induziu Lamarck (1809), por exemplo, a afirmar que alterações sofridas pelos organismos por ação externa seriam transmitidas às gerações futuras. Francis Galton, que em 1883 conferiu o nome de eugenia a esse movimento pelo aperfeiçoamento racial, utilizava-se desse princípio de transmissão hereditária.

Preocupados com o crescimento populacional e o aumento da pobreza e miséria, os eugenistas da época pretendiam preservar os indivíduos considerados típicos do padrão racial que, segundo eles, estavam desaparecendo devido à falta de cuidados reprodutivos e ao cruzamento de membros típicos da raça com membros “degenerados”. Além da reprodução controlada, deveriam ser introduzidas modificações no corpo e no intelecto dos indivíduos, as quais assumiriam um caráter de herança genética, no sentido de retorno ao padrão racial original.

No início do século XX, porém, a chamada “genética clássica” esclarecia o mecanismo de transmissão hereditária, afirmando que características adquiridas pelo homem ao longo de sua vida não eram incorporadas à sua carga genética, o que poderia ter levado a um certo decréscimo do discurso eugênico. Mas, ao contrário, ele expandiu-se e radicalizou-se, buscando na própria cientificidade genética as razões para indicar a seleção hereditária como a única alternativa para a volta do equilíbrio populacional e social da humanidade.

No Brasil, esse movimento pela purificação da raça tomou forma e intensificou-se nas primeiras décadas do século XX, podendo-se afirmar que foi um elemento relevante na história brasileira naquele momento. Sua influência alcançou várias esferas públicas e privadas. Através da busca em documentos da época, é possível perceber que vários deputados constituintes participavam em reuniões de

entidades eugênicas, resultando daí que idéias de caráter eugenista alcançavam a esfera federal, como a inclusão de um artigo estimulando a educação eugênica na Constituição de 1934. Diferentes segmentos sociais discutiam as questões nacionais tendo em conta a perspectiva da hereditariedade, mesmo frente à forte oposição da Igreja Católica, que criticava principalmente os métodos restritivos propostos pelos eugenistas, como a esterilização, o aborto e a segregação de doentes mentais para evitar a reprodução.

As desigualdades sociais e as mazelas que se produziam com a intensificação dos processos de industrialização e urbanização no Brasil, colocavam-se como preocupações para todos os brasileiros. Neste contexto, os eugenistas apontavam para muitas mazelas reais, como os danos da sífilis, tuberculose, alcoolismo, distúrbios mentais e hereditários; necessidade de saneamento, de esgoto, água potável, alimentação, condições salubres de moradia e trabalho, educação etc. Por outro lado, ao enclausurarem sua explicação no fenômeno de ordem natural, posição própria das ciências positivas, estes intelectuais negavam as contradições geradoras e mantenedoras das desigualdades e diferenças.

Entendendo o homem como elemento da natureza, passível de compreensão e controle, eles pautavam-se por um argumento explicativo para as difíceis condições pelas quais atravessava o país: as diferenças naturais de cada indivíduo, determinadas via hereditariedade. Focalizando o fenômeno biológico, negavam as contradições sociais, ao mesmo tempo que justificavam as diferenças de classe.

Sob essa ótica, propunham o recurso eugênico como alternativa possível para alcançar o progresso nacional, ou seja, a multiplicação das famílias eugênicas e a restrição paulatina das disgênicas. Motivados e preocupados com as dificuldades e as novas necessidades que se colocavam e, em particular, com a família, os eugenistas contribuíram na consolidação das características e funções da família burguesa e de seus componentes, igualmente apropriadas pela sociedade em geral.

Apesar da primazia dada ao recurso eugênico como agente de transformação social, é

possível afirmar que se configuraram importantes forças educativas eugênicas no período. Duas instâncias eram priorizadas: a família e a escola, para as quais eram apresentadas várias propostas e orientações. Salientamos, porém, que de forma alguma a educação era tida como o principal caminho para a melhoria racial e a superação das dificuldades da sociedade, posição que diferia de outras, como a dos intelectuais da Escola Nova, que propunham transformar a sociedade através da educação. Coerentes com o seu discurso e dada a ênfase em um paradigma biológico, os eugenistas apontavam para os limites de qualquer função transformadora através da educação.

#### A CONTEMPORANEIDADE DA EUGENIA

No início do século, a “seleção” das características desejáveis dependia do controle sobre a reprodução humana, através dos cruzamentos entre as raças “superiores”. Hoje, o atraente avanço tecnológico propiciado pela ciência certamente dispensa tal orientação. Projeto Genoma Humano, elucidação e caracterização completa do DNA, genotipagem, terapia gênica, manipulação genética, reprodução assistida, clonagem humana, entre muitas outras técnicas, constituem um amplo conjunto que reflete a velocidade com que as ciências naturais vêm desenvolvendo-se.

De fato, os benefícios gerados por todas essas possibilidades são inúmeros e inquestionáveis; porém, cabe-nos refletir sobre o deslocamento do referencial da eugenia em forma de práticas macrosociais de violência racial, como as esterilizações em massa, para práticas eugênicas ultramoleculares. Assumir essa postura reflexiva implica vincular o desenvolvimento de tais conhecimentos às lutas de classes travadas na sociedade, o que não significa envolver a ciência em uma atmosfera conspiratória, mas destacar que se procura organizá-la conforme as necessidades e interesses da classe hegemônica, mesmo quando se propõe promover e melhorar a vida de todas as classes.

Exemplo disso é que o desenvolvimento técnico-científico, que tem permitido tantos avanços, não está sendo acompanhado de

consensos éticos e científicos que possam fornecer suporte jurídico e dar origem a políticas públicas já em condições de absorver e aplicar tais conhecimentos. Novos dilemas e desafios legais, éticos e morais dividem as opiniões, tais como testes preditivos, responsabilidade para realização do aconselhamento genético, diagnóstico pré-natal, diagnóstico pré-implantacional e seleção sexual pré-concepção, abortamento terapêutico, programas de triagem neonatal e populacional, métodos de identificação humana, normalização dos laboratórios de genética, acesso e uso do genoma humano, criação de bancos de células e DNA, terapia genética, clonagem terapêutica e

utilização de produtos médicos derivados de plantas e animais transgênicos (A RECÉM-CRIADA..., 2000, p. 168).

Devemos considerar, sobretudo, que a falta de historicidade e a atenção acentuada sobre um paradigma biológico comprometem o encaminhamento e a utilidade desses avanços em meio às contradições e diferenças da sociedade. Entendemos que muitas questões presentes no início do século XX continuam sendo “nossas” questões na atualidade, apenas revestidas com as nuances compatíveis ao estágio de desenvolvimento do qual somos hoje testemunhas, o que, por si só, já nos coloca em situação de co-responsabilidade para com elas.

---

## STUDY ABOUT EUGENIC EDUCATIONAL FORCES IN BRAZIL, DURING THE FIRST DECADAS OF THE XX CENTURY

### ABSTRACT

This paper tries to rescue some principles of eugenic movement and examine the way the eugenic education was proposed in Brazil during the first decades of the 20<sup>th</sup> century, through historical analysis of the categories 'social class', 'family' and 'eugenic education', discussed in 36 issues of the periodical called "Boletim de Eugenia" (1929-1931). It concludes that eugenic physicians proposed many measures to resolve social problems of the period, coming from the industrialization and urbanization, which were explained through the natural differences among people, determined by hereditary way. Focusing the biological phenomenon, they denied the social contradictions and justified the class differences, proposing the eugenic recourse (multiplication of the eugenic families and restriction of the ones which were not eugenic) as possible alternative to achieve the national progress. There were configured important eugenic educational forces in that time, as well; however, due to the emphasis given to the biological paradigm, the eugenicists pointed out the limitations of any transformational fact of society through education.

**Key words** Eugenics, Social class, Family, Education.

---

### REFERÊNCIAS

A RECÉM-CRIADA Comissão de Ética em Genética Clínica e Molecular do CFM: principais objetivos e estratégias de atuação. *Bioética*, Brasília, DF, v. 8, n. 1, p. 167-168, 2000.

BRASIL, Ministério do Planejamento e Orçamento Comissão Nacional de População e Desenvolvimento. *Os jovens do Brasil: diagnóstico nacional*. Brasília, DF, 1998.

MAI, L. *Boletim de Eugenia (1929-1931): um estudo sobre forças educativas no Brasil*. 1999. 108 f. Dissertação (Mestrado em Fundamentos da Educação). Departamento de

Educação da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 1999.

MONROY, A. Puberdade, Adolescência y cultura juvenil. In: MADALENO, M. ET AL. *La salud del adolescente e del joven*. Washington D.C.: Organización Panamericana de la Salud, 1995. p. 27-35. (OPS – Publicación científica, 552).

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde*. São Paulo: EDUSP, 1998. v. 1.

---

**Endereço para correspondência:** Lilian Denise Mai. R: Mem de Sá, 168, 87.001-970, Maringá-PR. E-mail: elemarmai@ig.com.br